

Muller's



Breves apontamentos para a biografia do pintor João Eduardo Malheiro António Mourato

Introdução

No dia 1 de outubro de 1821, a *Borboleta Constitucional* anunciava que estava de volta ao Porto “o nosso Patrício Joaquim Rodrigues Braga”, vindo de Roma, onde fora estudar pintura, já que em Portugal era difícil adquirir esse tipo de formação.

Nas escolas romanas completara os cursos de Anatomia (no qual obtivera o primeiro prémio), Geometria, Óptica, Perspectiva e “Desenho e Pintura do Belo Antigo”.

Era o bastante, para o jornal o qualificar de “Génio Português”¹.

Na cidade, dizia-se que um quadro seu tinha sido confundido, em Roma, com uma pintura original de Ticiano². Era o suficiente para o seu prestígio aumentar. . .

Na verdade, a obra de Rodrigues Braga era medíocre, mas isso não o impediu de ser nomeado professor proprietário da Aula de Pintura Histórica³ quando, em 1836, foi fundada a Academia Portuense de Belas-Artes⁴.

Análogo foi o percurso de Domingos Pereira de Carvalho. Também estudou em Roma, nos primeiros anos da década de 1830, juntamente com António Manuel da Fonseca⁵ e, quando regressou à Invicta, ascendeu naturalmente a professor substituto de Pintura Histórica na Academia⁶.

Estudar em Itália, pelos vistos, compensava e um jovem, chamado João Eduardo Malheiro também quis tentar a sua sorte. Deve ter abalado para além dos Alpes com estes exemplos a bailarem-lhe no espírito. Esqueceu-se, porém, que os tempos mudam. Mesmo no acanhado e provinciano meio artístico portuense. Quando regressou, em meados dos anos quarenta, as poucas alterações que a Academia sofrera bastaram para lhe ceifar as ambições.

1 ANÓNIMO, 1821: 4.

2 ASCANIO, 1851: 3.

3 LEMOS, 2005: 134.

4 GARRADAS, 2008: I, 21.

5 VITERBO, 1903: 131-132.

6 VITORINO, 1930: 63.

Uma Itália incompleta

Desde meados do século XVI que muitos pintores nacionais têm procurado aperfeiçoar ou concluir os seus estudos artísticos em Itália⁷. São variadíssimas as histórias desses homens e mulheres nos seus percursos, tipos de aprendizagem e duração da mesma, fontes de subsídios, apoios, etc. Ao regressarem a Portugal, muitos conheceram o triunfo, outros a indiferença e alguns o fracasso.

João Eduardo Malheiro foi um desses artistas que se aventurou por terras italianas, esperando ali ser tocado pela graça das musas dos novos tempos, numa época em que elas já se tinham transferido para Paris⁸. Mesmo assim, descobriu nas escolas romana⁹ e veneziana¹⁰ a fonte absoluta de inspiração.

Nasceu no Porto, freguesia de Santo Ildefonso, a 24 de junho de 1821¹¹. Frequentou o curso de Filosofia na Universidade de Coimbra, até ao quarto ano, e posteriormente rumou a Itália, onde efetuou estudos de pintura em Roma e Veneza¹². Na Cidade Eterna teve como companheiros de trabalho Luís de Meneses (o visconde de Meneses) e Francisco Metrass que também por ali andavam a completar a sua aprendizagem de pintura¹³.

Regressou ao Porto talvez em 1847 e, em outubro de 1848, apresentou alguns quadros na exposição da Academia de Belas-Artes, que a crítica acolheu, em geral, favoravelmente. O *Ecco Popular* enalteceu a “franqueza do seu estilo”¹⁴ e *O Nacional*, os lindos olhos da sua “vivandeira”¹⁵.

Eduardo Allen, futuro diretor do Museu Portuense, sublinhou que as imagens de Malheiro exibiam o estilo da escola romana contemporânea, que procurava “unir as graças do Albano e do Guido às grandes qualidades que herdou de Rafael e seus sucessores”¹⁶. Já *O Defensor* considerava que a opção pela escola romana não fora a melhor: se Malheiro tivesse escolhido a flamenga, então sim, os seus quadros “agradariam”¹⁷.

No entanto, Malheiro devia calcular que não era a participação naquele certame que lhe iria mudar a vida. O acontecimento que esperava era o concurso – que mais cedo ou mais tarde se teria de realizar – para o provimento da vaga de professor substituto de Pintura Histórica na Academia. Domingos Pereira de Carvalho, chamado “O Romano”, o antigo substituto da cadeira¹⁸, falecera em abril de 1848¹⁹, mas só em junho do ano seguinte teve lugar o mencionado concurso²⁰.

As circunstâncias pareciam favorecer Malheiro. Augusto Roquemont, primeiro pintor da cidade²¹, nunca revelou interesse em ocupar cargos públicos²². Por outro lado, João António Correia, que no concurso trienal

7 SERRÃO, 2009: 12.

8 CHAGAS, 1866: 1.

9 ALLEN, 1853: 69.

10 REZENDE, 1865b: 1.

11 ANTT – *Certificado*. Porto, 27 de abril de 1849

12 ANTT – *Requerimento*. Porto, 4 de maio de 1849.

13 Nas cartas que escreve à mãe, Meneses refere-se a Metrass e a Malheiro, como os seus “dois companheiros”, os seus “dois pilares”, porque o acompanhavam sempre um de cada lado. Salientava que ambos tinham “boas qualidades” e eram gratos (POSSOLLO, 1948).

14 ANÓNIMO, 1848b: 2.

15 ANÓNIMO, 1848c: 2.

16 ALLEN, 1853: 69-74.

17 ANÓNIMO, 1848d: 1022.

18 VITORINO, 1938: 177.

19 ANÓNIMO, 1848a: 409.

20 LISBOA, 2007: 219.

21 Augusto Roquemont, um pintor suíço que veio para o nosso país em 1828 (contanto então 24 anos), também estudou longamente em Itália. Chegou a Roma em 1818, demorando-se ali pouco mais de onze meses. Depois instalou-se em Veneza, onde alcançou, em 1820, o primeiro prémio na Academia de Belas Artes, copiando uma cabeça pela estampa. Frequentou também a Academia de Bolonha. No dia 3 de novembro de 1822 chegou a Florença e ali permaneceu quatro anos. Regressaria ainda a Roma, em 1826, mas no ano seguinte voltaria para Florença. Seria desta cidade que viria para Portugal (VITORINO, 1929: 65-66). Vários esboços seus, realizados em Itália, foram utilizados nas aulas da Academia Portuense, para “servirem de estudo” aos alunos (GARRADAS, 2008: II, Anexo 4).

22 BRANDÃO, 1929: 83.

de pintura das Belas Artes, em 1842, obtivera o primeiro prémio e que gozava de grande prestígio na cidade, abalara para Paris exactamente em finais de 1848²³.

Assim, Malheiro acabou por enfrentar apenas José de Sousa Neves Almeida Júnior, um agregado à Aula de Pintura da Academia que regia, como convidado, as cadeiras de Pintura e Escultura. Além disso, ocupava-se, desde há vários anos, com a conservação e restauro das pinturas do Museu Portuense²⁴.

Iniciou-se o concurso a 22 de junho de 1849, tendo os candidatos executado, em apenas oito horas, um estudo de nu²⁵. No dia seguinte, às nove da manhã, já Malheiro e Neves se apresentavam outra vez na Academia para enfrentarem um desafio ainda mais difícil. Os professores colocaram numa urna seis assuntos históricos diferentes, dos quais retiraram um à sorte. Quis o destino que saísse o tema da “Morte de D. João de Castro entre os braços de S. Francisco Xavier”. Foi dado a cada concorrente um volume da *História de Portugal*, por La Clède, onde se encontrava escrita a passagem que tinham de ilustrar. Os candidatos foram levados para locais separados, mesmo incomunicáveis, usufruindo apenas de cinco horas para realizar o exercício.

No dia 26, Malheiro e Neves voltaram à Academia. A última prova consistia num discurso de vinte minutos sobre tema previamente escolhido. Os académicos repetiram o processo de introduzir seis papéis numa urna, escrevendo em cada um deles um tema diferente. Malheiro retirou, à sorte, o difícil enunciado: “Análise sobre a diferença que se considera entre as duas Escolas mais modernas de Pintura – a Italiana, e a Francesa; imitando a sua opinião sobre a preferência entre as duas”.

Quarenta e oito horas mais tarde, diante dos professores, académicos honorários e académicos de mérito, João Eduardo Malheiro procedeu a uma introdução ao seu discurso que logo desenvolveu.

José de Sousa Neves Almeida Júnior trouxe o discurso escrito num papel. Preparava-se para o ler quando o informaram que tal não era permitido. Neves declarou então que não se encontrava “em estado” de concluir a prova.

Os candidatos retiraram-se e o júri começou a examinar as pinturas do nu e os esboços relativos ao tema histórico. Os trabalhos de Sousa Neves encontravam-se a meio; não conseguira concluí-los. Malheiro, ao menos, terminara as duas provas²⁶. Procedeu-se à votação, em mérito absoluto e relativo. No final, os dois concorrentes não “ficarão aprovados” para o “Magistério”²⁷.

Mesmo assim, as obras efetuadas durante o concurso foram expostas no gabinete do Museu Portuense, de 30 de junho a 9 de julho²⁸.

Quando soube do resultado, Malheiro protestou imediatamente: a culpa por não ter vencido cabia, por inteiro, ao programa do concurso! Como é que se conseguia pintar um nu que durante metade do tempo apanhava luz vinda de nascente e a outra metade vinda de poente? Como é que aquele exercício podia ser efectuado em oito horas se as tintas, nesse espaço de tempo, nem chegavam a secar, impedindo as segundas camadas e a harmonia do colorido?

E no que respeita à pintura histórica: alguém poderia imaginar tranquilamente uma composição, sabendo que a teria de elaborar em apenas cinco horas? De cada vez que tivesse uma ideia, logo constataria que era impraticável, devido à escassez de tempo...

Sugeria assim um segundo concurso, onde a pintura do modelo vivo se realizasse em três sessões, de três horas seguidas, sempre no mesmo horário por causa da luz. Para o esboço propunha duas sessões de três horas²⁹.

23 VASCONCELOS, 2009: 18, 23, 41.

24 ANTT – *Requerimento*. Porto, 8 de setembro de 1849.

25 AFBAUP – *Processo do Concurso para a substituição da Cadeira de Pintura Histórica*. Livro 125, fol. 103.

26 AFBAUP – *Processo do Concurso para a substituição da Cadeira de Pintura Histórica*. Livro n.º 125, fol. 103-103v.

27 AFBAUP – *Acta da Conferência Geral de vinte e oito de junho de 1849*. Livro n.º 114, fol. 9v.

28 ANÓNIMO, 1849b: 617.

29 ANTT – *Requerimento dirigido à rainha D. Maria II*. Porto, 25 de julho de 1849.



Figura n.º 1 – *Morte de D. João de Castro entre os braços de S. Francisco Xavier*. Óleo sobre tela. Não datado [1849]. Assinado no verso – canto superior direito. Fonte: Museu Nacional de Soares dos Reis, Inv. n.º 866.

Joaquim Rodrigues Braga, diretor da Academia, não perdeu tempo a responder a Malheiro. Então não sabe esse jovem que os concursos nas Academias estrangeiras são ainda mais severos? Desconhece que além de provas de oito horas seguidas, existem até de doze? É exactamente nesses exercícios, executados “duma só vez que se pode julgar sem suspeita, do saber, habilidade, gosto no colorido e inteligência nos preceitos e regras da Arte!” Quem acha o programa assim tão difícil, então não deve atrever-se a “executá-lo”³⁰. Apesar de tudo, vaticinava a Malheiro um futuro risonho, uma vez que o jovem tinha efetuado os seus estudos no estrangeiro³¹.

Neste aspeto, Braga enganou-se redondamente.

O concurso para a substituição da cadeira de Pintura Histórica repetiu-se em outubro, nos mesmos moldes que o anterior³², mas João Eduardo Malheiro não participou nele; talvez por continuar em desacordo com o programa ou, talvez, por causa da qualidade dos oponentes que teria de enfrentar: Francisco José Resende³³ e José Alberto Nunes³⁴.

Optou por relançar a sua carreira, aproveitando um acontecimento que nesse ano de 1849 transtornou profundamente a cidade: a morte de Carlos Alberto, ex rei da Sardenha³⁵.

30 ANTT – *Ofício dirigido ao Conselheiro, Vice-Reitor e Vice-Presidente do Conselho Superior de Instrução Pública*. Porto, 13 de setembro de 1849.

31 ANTT – *Ofício dirigido ao Conselheiro, Vice-Reitor e Vice-Presidente do Conselho Superior de Instrução Pública*. Porto, 30 de junho de 1849.

32 MOURATO, 2000: I, 41.

33 PIMENTEL, 1902: 143.

34 AFBAUP – *Ofício dirigido ao vice-reitor e vice-presidente do Conselho Superior de Instrução Pública*. Porto, 16 de outubro de 1849. Livro 125, fol. 110v-111v.

35 BASTO, 1932: 145-162.

O monarca que vira o seu sonho de libertação e unificação da Itália lançado por terra no campo de batalha escolheu o Porto como destino de exílio³⁶. Mas quando chegou, o seu estado de saúde era de tal forma grave³⁷ e os desgostos que lhe torturavam a alma tão exasperantes, que pouco tempo durou.

A cidade esperou-o em alvoroço, acolheu-o com ternura, partilhou, comovida, a evolução rápida da sua doença e despediu-se dele coberto de luto e de lágrimas³⁸. O italiano expirou a 28 de julho³⁹, pouco mais de três meses após a sua chegada.

Muitos foram os que se deslocaram à residência de Entrequintas, que ele ocupava no Porto⁴⁰, desfilando perante o cadáver do infortunado estrangeiro⁴¹. Incluído nessa multidão, poderá ter estado João Eduardo Malheiro.

Pintou um quadro representando o cadáver de Carlos Alberto na “capella ardente”⁴², rodeado pelo encarregado dos negócios da Sardenha “Mr. De Launay, o oficial da guarda, os sacerdotes, etc.” A obra foi elogiada pelo “grandioso da concepção” e pela “excelência da execução”⁴³. Malheiro ofereceu o quadro ao tal De Launay⁴⁴. Este “Ministro da Sardenha” devia ser um apreciador de arte já que enquanto esteve no Porto aproveitou para visitar o Museu Allen e a coleção de pintura de Amorim Braga⁴⁵.

Entretanto, Malheiro abria na rua do Almada, n.º 172, um *atelier* de retratista⁴⁶ que mudou, em 1850, para a rua do Sol, n.º 112⁴⁷, e no ano seguinte para a rua das Oliveiras⁴⁸. Em 1852, voltou à Rua do Almada⁴⁹. Estas mudanças sucessivas podem indicar que o artista não estava a encontrar clientela para o seu trabalho.

Em abril de 1852, a família real visitou o Porto⁵⁰. No dia 29 desse mês, desembarcou no cais da Ribeira, provocando a mais delirante alegria na cidade. Os vivas entusiásticos à rainha, as salvas de artilharia, as girândolas de foguetes e repiques de sinos criavam um ambiente festivo⁵¹, completado com multidões sufocando nas ruas. Todos esperavam o cortejo formado pela família real, os Duques de Saldanha e da Terceira, o Estado-Maior, generais, autoridades e muitas famílias em carruagens. Ao avistá-lo, as senhoras, das janelas, lançavam flores às mãos cheias⁵².

A família real instalou-se no palácio dos Carrancas até ao dia 5 de maio⁵³.

Os artistas portuenses estavam muito entusiasmados com a presença na cidade de D. Fernando, o culto monarca que protegia, apoiava e incentivava aqueles que se dedicavam às artes⁵⁴. Procuraram-no para lhe oferecerem as suas produções⁵⁵ e o rei-artista recebeu-os com a sua eterna afabilidade, conversando com cada um deles, elogiando os seus méritos e agradecendo os presentes.

36 T., 1849: 1.

37 CABEÇAS; ARA, 2001: 151.

38 ANÓNIMO, 1849c: 1.

39 SILVA, 2002: 36.

40 ANTUNES, 2003: 545.

41 ANÓNIMO, 1849c: 1-2.

42 ANÓNIMO, 1849e: 886.

43 ANÓNIMO, 1849d: 2.

44 ANÓNIMO, 1849d: 2.

45 ANÓNIMO, 1849a: 548.

46 *Almanak da Cidade do Porto e Villa Nova de Gaya*, 1848, p. 95.

47 *Almanak da Cidade do Porto e Villa Nova de Gaya*, 1849, p. 111-112.

48 *Almanak da Cidade do Porto e Villa Nova de Gaya*, 1850, p. 156.

49 *Almanak da Cidade do Porto e Villa Nova de Gaya*, 1852, p. 109.

50 BONIFÁCIO, 2005: 245.

51 ANDRADE; FERREIRA, 2002: 31.

52 T., J. A. S., 1852: 28-29.

53 ANÓNIMO, 1852b: 1.

54 TEIXEIRA, 1986: 253-263.

55 António Marques da Silva Figueiredo ofereceu a D. Fernando “um quadro histórico de sua composição em desenho” (ANÓNIMO, 1852e: 3); José Alberto Nunes, uma “Lavradeira de S. Cosme” (ANÓNIMO, 1852f: 3); João Baptista Ribeiro, “um floreiro pintado a óleo” (CARNEIRO, 1856: 361) e Francisco José Resende “algumas pinturas” da sua autoria (ANÓNIMO, 1852a: 462).



Figura n.º 2 – *Paisagem*. Óleo sobre tela, 1867. Assinado no canto inferior esquerdo. Fonte: Museu Nacional de Soares dos Reis, Inv. n.º 254.

Malheiro não foi exceção. Eis como *O Jornal do Povo*, de 22 de maio de 1852, descreveu o encontro do pintor com o rei:

O snr. João Eduardo Malheiro obteve a honra de ser apresentado a S. M. El-Rei, para lhe oferecer as seguintes obras do seu pincel e curiosidade. Dois quadros de costumes do Minho em ricos caixilhos, e uma figura de três palmos de altura – verdadeiro modelo duma vareira, tanto nas formas do corpo como no vestuário, que era todo de fazendas próprias do costume. S. M. vocalmente lhe dirigiu muitos elogios, e ontem lhe mandou em testemunho do seu Real apreço uma rica abotoadura de ouro para colete pelo seu ajudante e exm.º barão da Foz. O snr. Malheiro é nosso patricio, e como tal faz honra à cidade invicta⁵⁶.

No entanto, este incentivo real não chegou para Malheiro dar um novo impulso à sua carreira. Pelo contrário, decidiu acabar com ela, provavelmente já farto dos inevitáveis dissabores que ia experimentando. Fechou o *atelier* de retratos e empregou-se na Alfândega como aspirante de 2.ª classe⁵⁷. A partir de então, a pintura constituiu apenas uma forma de ir matando os tempos livres⁵⁸. A sua produção começou a ser escassa e esporádica. Este desânimo de Malheiro face à vida artística, nada tinha de inesperado ou invulgar. Num texto publicado pelo *Braz Tisana*, nesse mesmo ano de 1852, podia ler-se:

56 ANÓNIMO, 1852d: 2342.

57 ANÓNIMO, 1852c: 465.

58 ANÓNIMO, 1861b: 1.

Em Portugal as belas-artes vegetam, geralmente, entre a ignorância e o desleixo [...]. As pessoas mais abastadas, não sendo sempre as mais instruídas, olham muitas vezes para tudo, que a arte apresenta de grande e elevado, se não com desprezo [...], pelo menos com indiferença. É esta indiferença, votada pelos que mais a deviam honrar, que faz vacilar muita vontade, paralisar muita vocação, enfraquecer muita inteligência, e apagar muito génio; *é esta indiferença a causa de Portugal ter tão pouco quem cultive proveitosamente o belo*⁵⁹.

Também nesse mesmo ano, o periódico *A Península*, publicava um artigo de Arnaldo Gama, onde este, a propósito da visita a um *atelier* de jovens pintores, escrevia:

Desgraçadamente neste nosso Portugal os homens de talento e de génio morrem por aí desaproveitados e desconhecidos à míngua de quem os aprecie – porque não há gosto, porque tudo aqui é grosseiro e atrasado. Aqui – e nisto reclamo para o Porto o diploma da superioridade, tudo que não é letras de câmbio e política não tem valia alguma⁶⁰.

Antes de falecer, Roquemont tinha dito que nunca fariam do Porto uma terra de Belas-Artes⁶¹ e o seu discípulo predileto, Francisco José Resende, dava-lhe razão, ao perguntar em 1859: “quem acreditaria que numa terra tão rica de fortunas particulares se vê muitas vezes um Pintor de história, géneros ou paisagem em crises apuradíssimas por não ter que fazer?! Quem acreditaria isto?”⁶²

Malheiro reapareceu publicamente em 1861, por ocasião da Exposição Industrial Portuense⁶³. Realizado no Palácio da Bolsa, entre agosto⁶⁴ e setembro⁶⁵, este evento foi muito importante para a vida da cidade, atraindo pessoas de todos os pontos do reino e até do estrangeiro⁶⁶. Uma enorme máquina a vapor da Fundação de Massarelos e uma outra hidráulica produzida na fundição do Bicalho eram as estrelas do certame⁶⁷. Mas também se podiam encontrar produtos químicos e farmacêuticos, fazendas, sabonetes, móveis, vestuário, ourivesaria, cristais, cerâmica, etc., além de esculturas, pinturas e fotografias.

Na secção de Belas Artes brilhavam as telas do visconde de Meneses, José Rodrigues, Francisco José Resende, entre outros. Mesmo assim, *O Nacional* considerou “que os quadros de frutas e de flores de Malheiro eram pintados com muito arrojo e com belas tintas”. Malheiro era, na opinião do jornal, “depois do sr. Rezen-de, um dos melhores coloristas da exposição”⁶⁸.

O Diário Mercantil afirmava que os frutos expostos por Malheiro eram os melhores “deste género” que se encontravam na exposição. Ao que acrescentava: “os pêssegos, as laranjas, as uvas, os limões, as peras e as cerejas estão inimitáveis, imitando tão bem os naturais. Os toques são delicados, e esparzem frescor e seiva por estas delícias das nossas sobremesas”⁶⁹.

A comissão que examinou os objetos de Belas Artes, formada por João Baptista Ribeiro, Raimundo Joaquim da Costa, Manuel da Fonseca Pinto, Horácio Aranha, Francisco Pinto da Costa e Manuel José

59 CALDEIRA, 1852: 3.

60 GAMA, 1852: 408.

61 MOURATO, 2000: II, 176.

62 MOURATO, 2000: I, 82.

63 *Catalogo dos Productos Exhibidos na Exposição Industrial no Porto em 1861*, p. 71.

64 PINTO, 1869: 152.

65 ANÓNIMO, 1861d: 1.

66 ANÓNIMO, 1861a: 3.

67 SERÉN, 2001: 35.

68 ANÓNIMO, 1861c: 1.

69 LUCIANO, 1861: 1.

Carneiro, também apreciou os “três bons fruteiros” de João Eduardo Malheiro, atribuindo-lhe uma medalha de 2.^a classe⁷⁰.

No dia 18 de setembro de 1865, foi inaugurada no Palácio de Cristal a primeira exposição internacional⁷¹ realizada na Península⁷². O certame era de envergadura, albergando mais de 4300 expositores⁷³, representando cerca de trinta países. Os visitantes passeavam entre coleções de vidros e cristais⁷⁴, madeiras, mármore e pedras litográficas⁷⁵, Sévres e Gobelins⁷⁶, máquinas agrícolas⁷⁷, serviços de mesa em prata, chapéus de sol de diferentes qualidades⁷⁸ e muitíssimos outros produtos.

No caso particular da pintura, admiravam obras de grandes nomes do nosso Romantismo: Tomás da Anunciação, Cristino da Silva, Miguel Ângelo Lupi, Marciano Henriques da Silva, Maria Guilhermina de Albuquerque da Silva Reis, Manuel Maria Bordalo Pinheiro, Joaquim Prieto, Alfredo de Andrade, José Ferreira Chaves, Prosper Lasserre, Luís Ascêncio Tomasini, Francisco José Resende, João António Correia, João Baptista Ribeiro⁷⁹.

Malheiro enviou um número significativo de telas para este certame. A doze quadros a óleo, cujo título não especificou, juntou as seguintes pinturas: *A fonte*, *Um retrato*, *Um cão* (raça *hingcharles*), *Flores*, *Uma catraia*, *Vista de Leça*, *Vista de Leça da costa do sul* e *Vista de mar*, além de dois Fruteiros⁸⁰.

Diante destas obras, Francisco José Resende escreveu:

O snr. Malheiro tendo deixado de ser artista de profissão há muitos anos, ainda consagra à arte o mesmo amor e dedicação dos tempos passados: só uma bela alma como possui, alma de verdadeiro artista, lhe daria coragem para aproveitar os curtos instantes que lhe restam dos seus trabalhos quotidianos, empregando-os na pintura. É digno de verdadeira estima um cavalheiro tão inteligente e modesto.

No que respeita à cor dos seus quadros, Resende afirmava que lhe fazia lembrar a escola veneziana “tantas vezes estudada e admirada com paixão pelo snr. Malheiro durante o tempo que esteve em várias cidades de Itália”⁸¹.

Alguns anos mais tarde, também *O Comércio do Porto*, ao contemplar um quadro de frutos de Malheiro, sublinharia que o seu tom suave recordava a escola veneziana⁸².

Voltando à exposição internacional de 1865, torna-se necessário referir que “pelas pinturas expostas”⁸³, Malheiro foi galardoado pelo júri com uma Menção Honrosa.

Em 1867, numa outra exposição realizada no Palácio de Cristal, o artista apresentou “seis pequenas paisagens”⁸⁴. Uma década depois, a cidade apreciava ainda três quadros da sua autoria⁸⁵, na Exposição Horticola

70 COSTA *et al*, 1861: 1.

71 QUARESMA, 1995: 76.

72 CARDOSO, 1994: 46.

73 SANTOS, 1989: 41.

74 ANÓNIMO, 1865e: 2.

75 ANÓNIMO, 1865c: 1.

76 ANÓNIMO, 1865a: 2.

77 ANÓNIMO, 1865d: 2.

78 ANÓNIMO, 1865a: 2.

79 *Catalogo Official da Exposição Internacional do Porto em 1865*, p. 91-97.

80 *Catalogo Official da Exposição Internacional do Porto em 1865*, p. 93.

81 REZENDE, 1865b: 1.

82 REZENDE, 1877: 1.

83 SILVEIRA, 1866: 299.

84 *Catalogo Official da Exposição de Archeologia e de Objectos Raros Naturaes, Artísticos e Industriaes, realisada no Palacio de Cristal Portuense em 1867*, p. 40.

85 OLIVEIRA JÚNIOR, 1877: 174.



Figura n.º 3 – [João Eduardo Malheiro desenhado por Francisco José Resende]. Lápis sobre papel, 230 x 140 mm. Não datado [c. 1849]. Não assinado. Fonte: Museu da Quinta de Santiago.

Internacional. Integravam o “Concurso n.º 154”, significativamente designado por “Quadros pintados a óleo (amadores)”⁸⁶. Mas dessa vez, Malheiro não conseguiu obter distinção alguma, sendo inclusivamente ultrapassado por um jovem de 18 anos, de seu nome Henrique César de Araújo Pousão⁸⁷.

A partir de então, ocupa-se unicamente com o trabalho da alfândega. Entre 1882⁸⁸ e 1883⁸⁹, reedifica a sua casa, situada na Rua de Santa Catarina, introduzindo várias modificações na configuração do edifício. As obras ficam prontas em 1884, coincidindo com a data da sua aposentação⁹⁰. Ignoramos absolutamente como decorreu o resto da vida deste homem, inclusive a data da sua morte, mas tudo leva a crer que se afastou definitivamente da vida artística.

Dois quadros de João Eduardo Malheiro

Hoje conhecem-se apenas duas pinturas de João Eduardo Malheiro. A composição histórica que realizou no âmbito do concurso para substituto da cadeira de Pintura Histórica da Academia Portuense de Belas Artes e uma paisagem.

Começemos pela composição histórica.

Como já vimos, no dia 23 de julho de 1849, às nove horas da manhã, aberta a Conferência na Academia, realizou-se o segundo exercício do concurso.

Foram colocados numa urna “seis assumptos de motivos diferentes”⁹¹, sendo um deles tirado à sorte. Quis o destino que Malheiro ilustrasse um episódio triste da nossa história: a morte de D. João de Castro entre os braços de S. Francisco Xavier.

Vimos que Malheiro experimentou grandes dificuldades na execução da prova.

86 *Catalogo Official da Exposição Horticola Internacional Realisada nos dias 29 de Junho a 8 de Julho de 1877 no Palacio de Crystal do Porto*, p. 43-44.

87 RODRIGUES, 1998: 15.

88 AHMP – *Pedido de licença para construção dirigido à Câmara Municipal do Porto*. Porto, 23 de novembro de 1882, fol. 63-63v.

89 AHMP – *Pedido de licença para construção dirigido à Câmara Municipal do Porto*. Porto, 7 de março de 1883, fol. 242.

90 *Almanach Historico, Commercial, Administrativo e Industrial da Cidade do Porto*, 1884, p. 427-429.

91 AFBAUP – *Processo do Concurso Para a Substituição da Cadeira de Pintura Histórica, enviada ao Vice-Reitor e Vice-Presidente do Conselho Superior de Instrução Pública*. Porto, 17 de julho de 1849. Livro n.º 125, fol. 103.

A Figura n.º 1 apresenta o resultado final do esforço do artista. As formas não são definidas com rigor (procedimento aceitável num esboço), mas o claro-escuro é quase inexistente e a aplicação precipitada da tinta, sem respeitar tempos de secagem, conduz os fundos a cinzentos desagradáveis, além de impedir o estudo das expressões fisionómicas.

D. João de Castro ocupa o centro do campo visual, erguendo-se num derradeiro esforço do leito. Apoia-se num oficial da fazenda do rei, enquanto do lado oposto, S. Francisco Xavier consola-o com um robusto crucifixo.

Imaginamo-lo proferindo as suas últimas palavras:

Não terei, senhores, pejo de vos dizer, que ao Vice-Rei da Índia faltam nesta doença as comodidades, que acha nos hospitais o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim comerciar ao Oriente [...]. Hoje não houve nesta casa dinheiro, com que se me comprasse uma galinha; porque nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salários do Governador, que os soldos de seu Rei⁹².

Na verdade, D. João de Castro foi uma das figuras mais extraordinárias da nossa História. No primeiro plano da tela surgem quatro personagens. Duas ocupam a extremidade direita do campo visual e as restantes preenchem a extremidade oposta. Tal esquema introduz uma simetria desinteressante na composição. A camisa de D. João, assim como o lençol que a cobre, ostenta uma ligeira exploração dos efeitos de luz destinados a evidenciar o herói.

Anatomia e perspetiva revelam certo escrúpulo e a pincelada anima-se sobretudo nas cortinas, por cima da cama e na colcha. Todavia, o colorido monótono impede que estas qualidades se manifestem convenientemente.

O ambiente da paisagem é bastante diferente. Uma árvore frondosa ocupa a metade esquerda do quadro, derramando sombras no primeiro plano, onde um ribeiro acolhe uma vaca que ali vem matar a sede.

Algumas ovelhas e uma vaca descansam em relvados estendidos ao sol de fim de tarde. A vegetação fresca prolonga-se até um horizonte elevado e esbatido que rouba protagonismo ao céu, ornado de nuvens finas e brilhantes. Sugestões de edifícios longínquos animam a composição. Um pincel fino e delicado ergue suavemente as formas, esmera-se nas transições entre zonas de luz e sombra e esbate contornos. Percebe-se a intenção de Malheiro em explorar os magníficos efeitos da luz ao entardecer. A Natureza aparece aqui investida numa imponência tranquila, inundando a atmosfera de frescura, paz e conforto.

Esta maneira de estruturar formas, luz e espaços deriva claramente da vertente paisagística veneziana, iniciada no século XVII com o pintor Marco Ricci e desenvolvida pelos seus seguidores, Francesco Zuccarelli, Giuseppe Zais, Antonio Marini, Pietro Brancalone, Bartolomeo Pedon ou Francesco Albotto.

Ricci não entendia a natureza como a visão da Arcádia. Procurava antes estudar o espetáculo das montanhas, dos efeitos da luz transitória, do silêncio dos rios, vales e árvores de folhagem opulenta que tornavam a paisagem ao mesmo tempo perfeita e familiar. Alicerçava a sua linguagem no equilíbrio formal, na serenidade cromática e na renúncia a qualquer ficção.

É claro que Malheiro não possuía o virtuosismo técnico destes mestres venezianos, mas o seu quadro introduz no paisagismo romântico português um sentimento de paz e quietude, alheio aos registos de essência documental praticados por Joseph James Forrester e António José da Costa e aos que emanam certa aridez melancólica efectuados por Francisco José Resende.

Atendendo à data em que foi executada – 1867 – esta paisagem deve ter sido exposta pelo autor na Exposição de Arqueologia e de Objectos Raros, Naturais Artísticos e Industriais, realizada no Palácio de Cristal, nesse mesmo ano. Malheiro exibiu, na altura, seis obras deste género.

Conclusão

Os dados conhecidos sobre a vida e obra de João Eduardo Malheiro são hoje muito escassos, mas, simultaneamente, bastante significativos. O estudo deste homem transporta-nos ao mundo dos pintores amadores dos meados do século XIX, universo muito peculiar, já que não se limitava a autores de segundo plano, mas envolvia nomes sonantes do nosso Romantismo.

Por exemplo, Leonel Marques Pereira era militar de carreira⁹³, Isaías Newton trabalhava nos caminhos de ferro⁹⁴, Luís Ascêncio Tomasini comandava navios⁹⁵ e Manuel Maria Bordalo Pinheiro era oficial na Secretaria da Câmara dos Pares do Reino⁹⁶.

Malheiro nunca chegou a ter a visibilidade destes artistas, porque a sua produção foi diminuta. Talvez sem vocação para o retrato (único género capaz de lhe garantir alguns proventos), é natural que o desânimo lhe afastasse a vontade de lutar por uma qualquer notoriedade, num meio artístico quase insensível à paisagem e à natureza-morta.

As críticas que recebia eram boas, mas isso não significa que vendesse os seus quadros. Assim, o desenlace da história de Malheiro foi o mais natural e o mais óbvio que se possa imaginar; um belo dia despediu-se da pintura como quem se despede de um sonho de infância, belo mas irreal, evitando assim mais lutas amargas, desilusões e tristezas. Quanto às recordações de Itália deve ter feito o mesmo: arrumou-as a um canto inacessível da memória e nunca mais as visitou.

Fontes Manuscritas

Arquivo da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (AFBAUP) – *Acta da Conferência Geral de 28 de junho de 1849*. Luís Albano Pinto Fonseca. Livro n.º 114, fol. 9 v.

AFBAUP – *Processo do Concurso para a substituição da Cadeira de Pintura Histórica, enviada ao Vice-Reitor e Vice-Presidente do Conselho Superior de Instrução Pública*. Joaquim Rodrigues Braga. Porto, 17 de julho de 1849. Livro n.º 125, vol. 1, fol. 103-103v.

AFBAUP – *Ofício dirigido ao Vice-Reitor e Vice-Presidente do Conselho Superior de Instrução Pública*. Joaquim Rodrigues Braga. Porto, 16 de outubro de 1849. Livro n.º 125, vol. I, fol. 110v-111v.

Arquivo Histórico Municipal do Porto (AHMP) – *Pedido de licença para construção dirigido à Câmara Municipal do Porto*. João Eduardo Malheiro. Porto, 23 de novembro de 1882. D-CMP-07-085-063, fol. 63-63v.

AHMP – *Pedido de licença para construção dirigido à Câmara Municipal do Porto*. João Eduardo Malheiro. Porto, 7 de março de 1883. D-CMP-07-086-242, fol. 242.

ANTT – *Certificado*. António Joaquim Teixeira Caneca. Porto, 27 de abril de 1849. Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, mç. 3714.

ANTT – *Requerimento*. João Eduardo Malheiro. Porto, 4 de maio de 1849. Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, mç. 3714.

ANTT – *Ofício dirigido ao Conselheiro, Vice-Reitor e Vice-Presidente do Conselho Superior de Instrução Pública*. Joaquim Rodrigues Braga. Porto, 30 de junho de 1849, Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, mç. 3714.

ANTT – *Requerimento dirigido à rainha D. Maria II*. Porto, João Eduardo Malheiro. 25 de julho de 1849. Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, mç. 3714.

ANTT – *Requerimento*. Porto, 8 de setembro de 1849. José de Sousa Neves Almeida Júnior, Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, mç. 3714.

ANTT – *Ofício dirigido ao Conselheiro, Vice-Reitor e Vice-Presidente do Conselho Superior de Instrução Pública*. Joaquim Rodrigues Braga. Porto, 13 de setembro de 1849. Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, mç. 3714.

93 ANACLETO, 1993: 156.

94 MOURATO, 2000: II, 215.

95 FRANÇA, 1990: 268.

96 LAPA, 2007: 11-12.

Fontes Impressas

- ALLEN, Eduardo – *Catalogo provisório da Galeria de Pinturas do Novo Museo Portuense – O Museo Allen*. Porto: Typographia Commercial, 1853.
- Almanach Historico, Commercial, Administrativo e Industrial da Cidade do Porto para 1885, publicado por José Antonio Castanheira*. 3.º Anno. Porto: Empresa Editora, 1884.
- Almanak da Cidade do Porto e Villa Nova de Gaya para o Anno de 1849*. Porto: Typographia de Faria Guimarães, 1848.
- Almanak da Cidade do Porto e Villa Nova de Gaya para o Anno de 1850*. Porto: Typographia de Faria Guimarães, 1849.
- Almanak da Cidade do Porto e Villa Nova de Gaya para o Anno de 1851*. Porto: Typographia de Faria Guimarães, 1850.
- Almanak da Cidade do Porto e Villa Nova de Gaya para o Anno de 1852*. Porto: Typographia de Faria Guimarães, 1851.
- ANDRADE, Jacinto Freire, 1835 – *Vida de D. João de Castro, Quarto Viso-Rey da India*. Lisboa: Typ. da Academia Real das Sciencias.
- ANÓNIMO, 1821 – [Sem título]. *Borboleta Constitucional*. Porto, n.º 119, p. 4.
- ANÓNIMO, 1848a – “Fallecimento”. *Periódico dos Pobres no Porto*. Porto, n.º 95, p. 409.
- ANÓNIMO, 1848b – [Sem título]. *O Eco Popular*. Porto, n.º 229, p. 2.
- ANÓNIMO, 1848c – “Academia das Bellas-Artes”. *O Nacional*. Porto, n.º 241, p. 2.
- ANÓNIMO, 1848d – [Sem título]. *O Defensor*. Porto, n.º 256, p. 1022.
- ANÓNIMO, 1849a – “Museu Allen”. *Periódico dos Pobres no Porto*. Porto, n.º 138, p. 548.
- ANÓNIMO, 1849b – “Concurso para a Academia das Bellas Artes”. *Periódico dos Pobres no Porto*. Porto, n.º 154, p. 617.
- ANÓNIMO, 1849c – [Sem título]. *O Nacional*. Porto, n.º 174, p. 1-2.
- ANÓNIMO, 1849d – [Sem título]. *O Nacional*. Porto, n.º 213, p. 2.
- ANÓNIMO, 1849e – “Um rico quadro”. *Periódico dos Pobres no Porto*. Porto, n.º 221, p. 886.
- ANÓNIMO, 1852a – [Sem título]. *Periódico dos Pobres no Porto*. Porto, n.º 105, p. 462.
- ANÓNIMO, 1852b – “Viagem de Suas Magestades”. *O Nacional*. Porto, n.º 102, p. 1.
- ANÓNIMO, 1852c – “Posse d’emprego”. *Periódico dos Pobres no Porto*. Porto, n.º 106, p. 465.
- ANÓNIMO, 1852d – [Sem título]. *O Jornal do Povo*. Porto, n.º 585, p. 2342.
- ANÓNIMO, 1852e – “Antonio Marques da Silva Figueiredo”. *O Eco Popular*. Porto, n.º 122, p. 3.
- ANÓNIMO, 1852f – “Offerta Artistica”. *O Nacional*. Porto, n.º 206, p. 3.
- ANÓNIMO, 1861a – “Affluencia de visitantes”. *O Braz Tisana*. Porto, n.º 192, p. 3.
- ANÓNIMO, 1861b – “A Exposição Industrial Portuense em 1861”. *O Jornal do Porto*. Porto, n.º 203, p. 1.
- ANÓNIMO, 1861c – “Visita á exposição industrial”. *O Nacional*. Porto, n.º 205, p. 1
- ANÓNIMO, 1861d – “Exposição Industrial”. *O Nacional*. Porto, n.º 211, p. 1.
- ANÓNIMO, 1865a – “Productos exhibidos na Exposição Portuguesa”. *O Jornal do Porto*. Porto, n.º 214, p. 2.
- ANÓNIMO, 1865b – “Productos exhibidos na Exposição Portuguesa”. *O Jornal do Porto*. Porto, n.º 214, p. 2.
- ANÓNIMO, 1865c – “Revista da Exposição Internacional do Porto, Introducção, III”. *Diário Mercantil*. Porto, n.º 1705, p. 1.
- ANÓNIMO, 1865d – “Exposição portugueza”. *O Jornal do Porto*. Porto, n.º 217, p. 2.
- ANÓNIMO, 1865e – “Fabrica da Marinha Grande”. *O Diário Mercantil*. Porto, n.º 1716, p. 2.
- ASCANIO, 1851 – “Folhetim, Exposição das Bellas Artes, 4.ª”. *O Nacional*. Porto, n.º 234, p. 3.
- CALDEIRA, L. da Silva, 1852 – “Honra ao Merito”. *O Braz Tisana*. Porto, n.º 159, p. 3.
- CARNEIRO, Manuel José, 1856 – “Apontamentos para a Biographia de Pintores, Escultores e Architectos”. *Periódico dos Pobres no Porto*. Porto, n.º 79, p. 361.
- Catalogo Official da Exposição de Archeologia e de Objectos Raros Naturaes, Artisticos e Industriaes, realisada no Palacio de Cristal Portuense em 1867*. Porto: Typographia do Jornal do Porto, 1867.
- Catalogo Official da Exposição Horticola Internacional, Realisada nos dias 29 de Junho a 8 de Julho de 1877 no Palacio de Crystal do Porto*. Porto: Typographia Occidental, 1877.
- Catalogo Official da Exposição Internacional do Porto em 1865*. Porto: Typographia do Commercio, 1865.
- Cathalogo dos Productos Exhibidos na Exposição Industrial no Porto em 1861*. Porto: Typographia do Diario Mercantil, 1861.
- CHAGAS, M. Pinheiro, 1866 – “O Folhetim na Exposição, V”. *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 21, p. 1.
- COSTA, Raimundo Joaquim da; et al, 1861 – “Exposição Industrial Portuense”. *O Comércio do Porto*, Porto, n.º 264, p. 1.
- GAMA, A. S. D., 1852 – “Os quadros do Sr. Rezende e do Sr. Pinto”. *A Península*. Porto, n.º 34, p. 408.
- LUCIANO, A., 1861 – “Folhetim, A Exposição Industrial Portuense, em 1861, XVIII (Continuação)”. *Diário Mercantil*. Porto, n.º 514, p. 1.
- OLIVEIRA JUNIOR, Duarte de, 1877 – “Revista da Exposição Horticola Internacional”. *Jornal de Horticultura Prática*. Porto, n.º 9, p. 174.
- PINTO, J. M. P., 1869 – *Apontamentos para a Historia da Cidade do Porto*. Porto: Typographia Commercial.
- REZENDE, Francisco José, 1865a – “Bellas-Artes, Portugal, II”. *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 259, p. 1.
- REZENDE, Francisco José, 1865b – “Bellas-Artes, Portugal, III”. *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 264, p. 1.

- REZENDE, Francisco José, 1877 – “Bellas-Artes”. *O Comércio do Porto*. Porto, n.º 209, p. 1.
- SILVEIRA, Joaquim Henriques Fradesso da, 1866 – *Visitas á Exposição de 1865*, 2.ª ed. Lisboa: Editor François Lallemand.
- T., 1849 – “Carlos Alberto”. *O Nacional*. Porto, n.º 172, p. 1.
- T, J. A. S., 1852 – *Descrição da Viagem de Suas Magestades ás Provincias do Norte, Com as Felicitações das Camaras e Respostas da Soberana*. Porto: Typographia de Sebastião José Pereira.
- VITERBO, Sousa, 1903 – *Notícia de Alguns Pintores Portuguezes e de outros que, sendo estrangeiros, exerceram a sua arte em Portugal. Memoria apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias.

Bibliografia

- ANACLETO, Regina, 1993 – “Neoclassicismo e romantismo” in *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, vol. 10.
- ANDRADE, Ângela Raquel Queirós; FERREIRA, Victor Manuel Ribeiro, 2002 – *Festa – Espectáculo – Arte Efêmera no Porto em Honra de D. Maria II*. Porto: Universidade Portucalense Infante D. Henrique.
- ANTUNES, Manuel Engrácia, 2003 – “Elementos para o estudo da estadia no Porto de Carlos Alberto, Rei da Sardenha”. *Revista da Faculdade de Letras, Ciências e Técnicas do Património*. Porto: FLUP, I Série., vol. 2.
- BASTO, Artur de Magalhães, 1932 – *O Pôrto do Romantismo*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- BONIFÁCIO, Maria de Fátima, 2005 – *D. Maria II*. Lisboa: Círculo de Leitores; Centro de Estudos dos Povos e Culturas de Expressão Portuguesa.
- BRANDÃO, Júlio, 1929 – *O Pintor Roquemont, subsídios para o estudo do artista: vida, épocas e obras*. Lisboa: Livraria Morais.
- CABEÇAS, Maria da Conceição; ARA, Concha d', 2001 – *Porto Monumental e Artístico – Património da Humanidade*. Porto: Porto Editora.
- CARDOSO, António, [1994] – “A Arquitectura do Ferro no Porto Oitocentista” in *Porto, 1865, Uma Exposição*. Lisboa: Expo 98.
- FRANÇA, José-Augusto, 1990 – *A Arte em Portugal no Século XIX*. 3.ª ed. Lisboa: Bertrand Editora.
- GARRADAS, Cláudia, 2008 – *A Coleção de Arte da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Gênese e História de uma Coleção Universitária*. Porto: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (dissertação de mestrado em Estudos Artísticos, Especialização em Estudos Museológicos e Curadoriais).
- LAPA, Pedro, 2007 – “Columbano Bordalo Pinheiro, Uma Arqueologia da Modernidade” in LAPA, Pedro (org.) – *Columbano Bordalo Pinheiro, 1874-1900*. Lisboa: Instituto Português de Museus, Museu do Chiado-Museu Nacional de Arte Contemporânea.
- LEMOS, Maria da Assunção Oliveira Costa, 2005 – *Marques de Oliveira (1853-1927) e a Pintura do seu Tempo. Subsídios para a História da Cultura Artística Portuense*. Porto: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (dissertação de doutoramento em Ciências das Artes).
- LISBOA, Maria Helena, 2007 – *As Academias e Escolas de Belas Artes e o Ensino Artístico (1836-1910)*. Lisboa: Edições Colibri; IHA/Estudos de Arte Contemporânea, FCSH – Universidade Nova de Lisboa.
- MOURATO, António Manuel Vilarinho, 2000 – *Cor e Melancolia (Uma biografia do pintor Francisco José Resende)*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dissertação de mestrado em História da Arte em Portugal).
- PIMENTEL, Alberto, 1902 – *Santo Thyrso de Riba D’Ave*. Santo Tirso: Club Thyrsense.
- POSSOLLO, Guilherme, 1948 – “4 cartas do Visconde de Menezes” in *Arte de Ontem e de Hoje*. Lisboa: Edições R.E.S.M.
- QUARESMA, Maria Clementina de Carvalho, 1995 – *Inventário Artístico de Portugal, Cidade do Porto, XIII*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes.
- RODRIGUES, António, 1998 – *Henrique Pousão*. Lisboa: Círculo de Leitores.
- SANTOS, José Coelho dos, 1989 – *O Palácio de Cristal e a Arquitectura do Ferro no Porto em meados do séc. XIX*. Porto: Fundação Engenheiro António de Almeida.
- SERÉN, Maria do Carmo, 2001 – *O Porto e os seus Fotógrafos*. Porto: Porto Editora.
- SERRÃO, Vítor, 2009 – “A Pintura Maneirista e Proto-Barroca” in RODRIGUES, Dalila (coord.) – *Arte Portuguesa, da Pré-História ao Século XX*. S.l.: Fubu Editores.
- SILVA, Germano, 2002 – *À descoberta do Porto*, 2.ª ed. Lisboa: Editorial Notícias.
- TEIXEIRA, José, 1986 – *D. Fernando II, Rei-Artista, Artista-Rei*. Lisboa: Fundação da Casa de Bragança.
- VASCONCELOS, Artur Duarte Ornelas, 2009 – *Mestre João António Correia (1822-1896): entre a construção académica e a expressão romântica*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto (dissertação de mestrado em História da Arte Portuguesa).
- VITORINO, Pedro, 1930 – *Os Museus de Arte no Pôrto (Notas Históricas). Subsídios para a História da Arte Portuguesa*. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- VITORINO, Pedro, 1938 – “Artistas Portuenses” in *Nova Monografia do Pôrto*. Porto: Companhia Portuguesa Editora.
- VITORINO, Pedro, 1929 – *O Pintor Augusto Roquemont (no centenário da sua vinda para Portugal)*. Porto: Edição de Maranus.